

First published in Brazil by Ronconi de Abdera.

Copyright Ronconi de Abdera 2023

All rights reserved.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, distributed, or transmitted in any form or by any means, including photocopying, recording, or other electronic or mechanical methods, without the prior written permission of the publisher, except as permitted by U.S. copyright law.

Cover art: Ronconi de Abdera

Desktop Publishing: Ronconi de Abdera

Printed by Amazon

2023

ISBN: 9798854016315
Independently published

M
BATZ
PHILIPP
MINNA
LUISE
Ä
JUSTINE
DANIEL
WILHELM
GEORG

P H I L I P P

MAINLÄNDER

Sobre a vida e a obra de um dos maiores pessimistas da
história da Filosofia

Ronconi de Abdera

Sumário

Prefácio

Epígrafe

Capítulo I

O primeiro filósofo que anunciou a “morte de deus”

O homem Philipp Batz: *a biografia de um “filho da luz”* / O dramaturgo, o escritor, o “mitopoeta”

Capítulo II

Sobre “A Filosofia da Redenção” (Die Philosophie der Erlösung): a Magnum Opus do pessimismo filosófico

O “Novo Messias”: *Philipp Mainländer, o “apóstolo Paulo de Arthur Schopenhauer”* / A questão do “ateísmo científico” (*wissenschaftlicher Atheismus*) no sistema mainländeriano / Quando o pessimismo não descamba em conservadorismo: *Mainländer e a social democracia* / Aforismos traduzidos

Bibliografia

Prefácio

A primeira vez que me deparei com o pseudônimo “Philipp Mainländer” foi ainda durante a minha adolescência, mais exatamente no ano de 1998. Não foi um encontro tão contingente, pois apesar da idade de 14 anos, eu já buscava conhecer o que podia sobre um outro filósofo, fundamental para o pensamento mainländeriano, aquele que a Nietzsche chamaria de “cavaleiro solitário”: Arthur Schopenhauer.

O livreto qual me refiro é o de Paul Strathern, “Schopenhauer em 90 Minutos” da editora Jorge Zahar Editor. Buscando compreender o autor de *O Mundo Como Vontade e Representação* tomei em mãos esse pequeno livro, já gravitando – sem ter consciência –, no assim chamado pessimismo alemão.

Na década de 90 a Internet ainda não estava tão popularizada, nem era tão opulenta em informações como é hoje. Muitos dependíamos (sic) da Enciclopédia Barsa, de fascículos científicos vendidos em banca de jornal e de xerox de livros nem sempre especializados. Se eu quase nada encontrava sobre Schopenhauer (salvo na edição de *Os Pensadores* e fragmentos traduzidos aqui e acolá) que dirá então do estranhíssimo Philipp Mainländer que o Paul Strathern havia chamado de “sombrio”? Alguém que a historiografia filosófica havia preterido quase de forma absoluta?

Apesar de tudo recorri à Internet e o que descobri foram míseros poemas traduzidos para o espanhol por um internauta anônimo. “*Então ele também era poeta...*”, recordo de ter pensado, um pouco surpreso. Em minhas leituras no campo literário identifiquei nas linhas de Jorge Luis Borges (1899-1986) uma menção: “*Ao reler esta nota, penso naquele trágico Philipp Batz, que na história da filosofia se chama Philipp Mainländer. Foi como eu, leitor apaixonado de Schopenhauer. Sob influência (talvez a dos gnósticos) imaginou que somos fragmentos de um Deus que no início dos tempos se destruiu, ávido de não-ser. A história universal é a escura agonia desses fragmentos. Mainländer nasceu em 1841; em 1876 publicou seu livro, Filosofia da Redenção. Nesse mesmo ano morreu*”. Isso está em seu texto “O Biathanatos”. Anos depois alguma boa alma de alguma parte do mundo contribuiu para a ressurreição do filósofo postando a sua fotografia mais conhecida; aquela onde o Philipp propositalmente faz a pose clássica do melancólico apoiando a frente no punho, em frente a um tecido tempestuoso, certamente escolhido pelo próprio. Sim, pois mais tarde eu concluiria que Philipp trazia para si algo de messiânico (e não por acaso, Max Seiling o chamou de “Um Novo Messias”), uma certeza de que o seu pensamento não só responderia às questões metafísicas que perturbam a carente e triste humanidade, mas também indicaria a sua resolução definitiva no que ele chamava de “redenção”.

Mais tarde cursei Filosofia e pude entender um pouco melhor o pensamento do Schopenhauer e a sua filosofia da Vontade. É interessante observar que naqueles anos o filósofo de Danzig não era tão facilmente reconhecido como agora pelos estudantes ou curiosos em sistemas filosóficos do século XIX. Cronologicamente meu curso se iniciou em 2001, e a obra popular “A Cura de Schopenhauer” (do mesmo autor de “Quando Nietzsche Chorou”) foi publicada em 2005. O nome “Schopenhauer” era – e segue sendo – popularmente associado tanto à música quanto ao pessimismo. A maioria dos leitores se contenta em interpretá-lo como um velho carrancudo, misógino e desgostoso com a vida. Quem realmente já leu seus escritos sabe que definitivamente esse não é o caso. Agora, se o nome “Schopenhauer” aparecia nas prateleiras, o de Mainländer continuava soterrado sob camadas e camadas de terra de cemitério.

Até que um dia finalmente algum compatriota do “sombrio” filósofo tomou a iniciativa de criar um site na Internet visando promover o debate sobre a filosofia mainländeriana. Para

mim estava claro que certamente alguém na Alemanha se debruçava sobre os escritos de Mainländer, o que me angustiava era não encontrar material algum nem sobre o homem Philipp Batz (seu verdadeiro nome) nem publicações sobre a sua poesia ou o seu sistema. Essa minha aflição persecutória teve fim quando subitamente encontrei o site - ainda ativo na data deste escrito - “**Internationale Phillip Mainländer-Gesellschaft**” (“Sociedade Internacional Philipp Mainländer”). Finalmente eu poderia contatar algum professor especializado no discípulo radical de Schopenhauer. A sociedade declarava em seu site oficial que ela ensinava: “*Estimular o estudo das obras do filósofo e poeta de Offenbach, Philipp Mainländer, apoiar a coleta e a pesquisa de manuscritos originais do contexto de Philipp Mainländer e promover a compreensão e discussão deste autor, com consideração especial de seu impacto internacional*”. Foi realmente esse o momento que eu, como um pesquisador e já entusiasta – pelo menos de muitas das conclusões do Schopenhauer –, aguardava... Eu me recordo que enquanto eu lia e traduzia as informações da página virtual, não sem grandes dificuldades, reconheci um nome no conselho administrativo do site. Eu me refiro ao Prof. Dr. Ulrich Horstmann, autor de um livro apocalíptico de título “Das Untier” do ano de 1983. Eu já ansiava por trocar correspondências com este professor e não me surpreendeu ao vê-lo ali entre os promotores do pensamento mainländeriano. De qualquer forma não consegui contatar nem a ele, nem aos demais pesquisadores do poeta e filósofo de Offenbach.

Mas ainda que eu sentisse alento por estar agora ciente de que os papéis do Mainländer não estavam definitivamente perdidos, o que eu havia conseguido da sua lavra era muito pouco. Como eu havia dito, apenas alguns dos seus poemas estiveram disponíveis em fóruns da Internet (que a essa altura sequer estavam ainda on-line), porém havia agora uma exceção: outra alma benevolente resolvera postar algumas páginas, em alemão, da obra capital do filósofo: “*Philosophie der Erlösung*” (“A Filosofia da Redenção”). Não foi sem muita intrepidez que eu me pus a traduzir com as armas que tinha em mãos aquele meu quase evangelho apócrifo...

O entendimento que eu já dispunha do pensamento schopenhaueriano me permitiu desanuviar um pouco do que parecia querer dizer o Mainländer. Se qualquer tradução já implica em desafios, considere o que é fazer uma exegese filosófica de algo traduzido de um alemão espinhoso... Enquanto eu perscrutava seus conceitos como “*Wille zum Tode*”, tentava compreender o que ele queria dizer com “a morte de deus”, ou o que ele entendia exatamente como “*Erlösung*”, as minhas investigações sobre os assim alcunhados como “pessimistas” não cessavam. Nessa época eu já havia tomado conhecimento de filósofos como Cioran, Carlo Michelstaedter, Hartmann, Julius Bahnsen, assim como de escritores que, mutatis mutandis, fizeram coro com a seiva dos seus aforismos e sistemas filosóficos: Peter Wessel Zapffe, Albert Caraco, Manlio Sgalambro, Albino Forjaz, Augusto dos Anjos etc. Ter em mãos todas as obras desses pensadores era impossível naquele momento, então a minha dedicação se concentrava tanto em Schopenhauer quanto nos palimpsestos que a duras penas eu descobria do Mainländer.

Durante a sua jornada intelectual todo pesquisador acaba fatalmente conhecendo outros interessados em seus objetos de estudo. Se o ateísmo filosófico e o pessimismo filosófico tomavam todo o meu tempo, certamente haveria outros que também estivessem palmilhando esse caminho. E para minha satisfação eu pude não só descobrir tais estudiosos, brasileiros, como também – ao contrário dos alemães - contatá-los. Deixo aqui a exceção da filósofa chilena Sandra Baquedano Jer que tão atenciosamente respondeu às minhas congratulações por um livro que ela publicara sobre o Philipp. Já dos pesquisadores brasileiros que mencionava, foram dois os que puderam me lançar alguma luz. Sobre o ateísmo eu cheguei ao nome do professor e doutor Paulo Jonas de Lima Piva, e por intermédio deste, conheci o também professor e doutor Flamarion Caldeira Ramos. O que tais nomes significaram para mim naquele momento? O primeiro já há muitos anos pesquisava sobre um outro filósofo

que também me impressionou na história da Filosofia. Eu me refiro ao cura ateu Jean Meslier (1664 – 1729), um sacerdote católico francês que deixou para a posteridade escritos declaradamente ateístas! O livro do professor Piva sobre esse homem singular é o “*Ateísmo e Revolta: Os manuscritos do padre Jean Meslier*” (editora Alameda). Piva também se dedicou ao Emil Cioran e escreveu artigos sobre o pessimista romeno. Graças a este professor eu pude conhecer e trocar e-mails com o Flamarion, também professor de filosofia e pesquisador do pessimismo alemão. Eu me senti menos solitário quando em resposta a um e-mail ele me informou que estava para publicar um artigo no Cadernos da Filosofia Alemã (USP) sobre o aspecto político na filosofia de Mainländer (“O pessimismo e a questão social em Mainländer”). Pelo que eu havia conseguido entender até então do filósofo de Offenbach, ele não se inclinava ideologicamente à uma posição conservadora (algo não raro entre pensadores pessimistas). Isso me deixou positivamente surpreso. Com os e-mails trocados com o Flamarion e mais a contribuição deste seu artigo, Mainländer parecia agora mais compreensível para mim. Digo “mais compreensível” porque nesse momento eu já havia conseguido a sua obra quase completa, não em livros físicos, mas virtuais.

Então pude conhecer os poemas, suas peças de teatro, a obra máxima “Filosofia da Redenção”, sua curta biografia, sua visão política... Eu previa uma grande influência do romantismo em seus versos e de fato lá eles estão. Contemporâneo do poeta brasileiro, ultrarromântico, Álvarez de Azevedo (1831-1852), Mainländer também apresenta as características do Mal do Século tanto em sua arte quanto em sua filosofia. Absorvi e me identifiquei com várias de suas passagens, aquelas que o tempo não caducou, não se fez datar, de modo que me senti diretamente influenciado em minhas manifestações artísticas.

Deste período em diante o nome de Mainländer passou a ser trazido à baila por outros pesquisadores pelo mundo e as discussões sobre o seu pensamento agora têm sido promovidas na Espanha, no México, na Itália e em outros países. Eu procuro acompanhar os esforços dos colegas, inclusive me servi de toda a bibliografia do filósofo e também sobre o mesmo – além dos resultados de minha própria pesquisa e do meu trabalho de conclusão de curso (onde trouxe a sua biografia com alguns elementos novos e procurei explicar o seu conceito de “ateísmo” em seu sistema). O livro que apresento agora sobre o Mainländer tem caráter expositivo, até mesmo apologético. Ainda que fosse meu desejo traçar algumas críticas, algo como procurou sempre fazê-lo Frauenstädt quanto a Schopenhauer, delimitei-me. Na impossibilidade de abraçar pessoalmente todos os que de alguma forma me auxiliaram deixo aqui minha gratidão não só aos já mencionados Flamarion Caldeira Ramos, Paulo Jonas de Lima Piva, Sandra Baquedano Jer, mas também ao Fábio Ciraci, Carlos Javier González Serrano, José Orlando Lima, Winfried H. Müller-Seyfart e ao apoio do Giuliano Thomazini Casagrande quanto as traduções.

*“Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu.
Somos todos seus assassinos!”*

Friedrich Nietzsche, *A Gaia Ciência*.

*“Por necessidade de recolhimento librei-me de Deus,
desembaracei-me do último chato.”*

Emil Cioran, *Silogismos da Amargura*.

*“O suicida não é cristão, nem budista, nem hindu, nem sequer agnóstico ou ateu;
está convencido de que com o fim das luzes se apagam e a noite eterna começa”.*

Hermann Burger, *Tractatus Logico-Suicidalis*.

*“[...] Deus. Mas essa unidade básica pertence ao passado; não é mais.
Ao mudar seu ser, ele se despedaçou total e completamente.
Deus morreu e sua morte foi a vida do mundo”.*

Philipp Mainländer, *A Filosofia da Redenção*.